

Organização

Ana Maria Leal Cardoso  
Antonielle Menezes Souza  
Marcio Carvalho da Silva

# **CENTENÁRIO DE ALINA PAIM**

Uma poética na tecitura do tempo

Aracaju-SE



2019

© Copyright 2019 by Editora ArtNer Comunicação

Todos os direitos desta edição reservados aos autores. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucro ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome dos autores, título da obra, edição e paginação. A violação dos direitos dos autores (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Diagramação e Capa**

Joselito Miranda

**Editoração**

ArtNer Comunicação

**Impressão**

Infographics

**Revisão**

Ana Maria Leal Cardoso

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

**Ficha Catalográfica**

---

C268c

Ana Maria Leal Cardoso; Antonielle Menezes Souza;  
Marcio Carvalho da Silva (Organizadores).

Centenário de Alina Paim: uma poética na tecitura do tempo. /Ana Maria  
Leal Cardoso; Antonielle Menezes Souza; Marcio Carvalho da  
Silva (Organizadores).

- Aracaju: ArtNer Comunicação, 2019.

150p.

ISBN: 978-85-69567-46-2

1. Literatura Brasileira
  2. Romance Narrativo
  3. Poética - Alina Paim
- I - Título

CDU: 821.134.3:929(813.7) -3

---

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária: Jane Guimarães Vasconcelos Santos CRB-5/975

**Editora ArtNer Comunicação**

Tel.: (79) 99131-7653 · 3043-1744 · <http://artner.com.br/>

## APRESENTAÇÃO

*Profa. Dra. Ana Maria Leal Cardoso*

**E**ste livro é uma justa homenagem ao centenário de nascimento da escritora sergipana Alina Paim, cuja expressiva produção ficcional – que há muito deveria estar inserida com destaque no percurso do moderno romance brasileiro – traz a marca da luta por uma sociedade mais justa, inclusiva. Fruto de experiências transformadoras por que passou o século XX, em diferentes áreas do conhecimento, sua produção literária brinda-nos com a presença de personagens femininas que surgem na contra mão de princípios essencialmente eurocêntricos e patriarcais, destacando o jeito ‘feminista’ de ser, ainda que em estado larvar.

Não obstante ter produzido dez romances e de ter contribuído significativamente para a expressão da literatura infantil brasileira, iluminada pelas contemporâneas Cecília Meireles e Clarice Lispector, Paim, que ingressou na vida literária em 1944, com a publicação do romance *Estrada da liberdade*, continua quase desconhecida pela Academia. Acreditamos, pois, que o seu obscurecimento, ademais pelo fato de ser mulher em um contexto quase majoritariamente de homens, foi fruto do seu envolvimento com o Partido Comunista Brasileiro durante quase três décadas. Como militante, Alina

integrou os projetos culturais do Partido juntamente com os amigos Jorge Amado e Graciliano Ramos. Em sua obra, pode-se perceber uma alma socialista, transparente, humana. A ideia generosa de igualdade entre os homens, que se aproxima da justiça social, motivou a arte literária da romancista, cuja produção se confunde com a sua própria vida, levando-a a quebrar paradigmas em relação ao espaço da mulher na sociedade contemporânea.

A ideia de produzir um livro voltado para a fortuna crítica de Alina Paim é mérito dos alunos e ex-alunos do Programa de Pós-graduação em Letras-PPGL/UFS, que a partir dos resultados de estudos do mestrado, e do nosso projeto de pesquisa “Resgate da escritora sergipana Alina Paim”, resolveram reunir neste livro diferentes vieses de contemplação do legado artístico deixado pela romancista, ainda que com a consciência que outras ações, especialmente no âmbito do incentivo a novas pesquisas sobre as obras aqui estudadas, devam ser continuamente colocadas em prática, com vistas a consolidar a expressão e circulação dos seus romances nos meios acadêmicos e culturais, em geral. É oportuno destacar que os trabalhos acadêmicos, de que os capítulos que compõem este livro são exemplos inequívocos, significam a reflexão intermediária que há entre as teorias, em especial as do imaginário, e o conhecimento adquirido e aplicado a problemas cotidianos da prática docente. Apresentamos, a seguir, a contribuição de cada um dos críticos que integram este livro.

Abrindo-o, **Ana Maria Leal Cardoso e Antonielle Menezes Souza** trazem em *O imaginário da serpente nas narrativas de Alina Paim*, um estudo sobre o mito serpentílico a partir da

relação entre as personagens femininas e o réptil, na tentativa de interpretar as disposições humanas ao longo dos tempos.

Em *A heroína no vale das sombras: uma leitura mítico-simbólica do romance A sombra do patriarca*, **Ana Paula Barbosa Andrade** apresenta um estudo sobre a protagonista na perspectiva da mitocrítica, destacando a jornada do herói/heroína traçada por Joseph Campbell. Na mesma direção segue **Marcio Carvalho da Silva** em *A trajetória heróica de Raquel pelas terras desconhecidas do patriarca*, em que apresenta uma análise do mito da donzela guerreira, como uma ‘revelação’ do sonho do artista que engloba o infinitamente grande e o infinitamente pequeno.

Na continuidade, **Aline Suelen Santos** nos conduz ao fantástico universo infantil de Paim em *Entre o mágico e o real: o faz de conta em O lenço encantado*, em que mostra um estudo capaz de nos fazer acreditar na vida, evidenciando que o eixo central da obra é a importância da fantasia como mediadora para se lidar com a realidade. Na mesma esteira, segue **Ligia Patrícia Alcântara Costa** que traz uma reflexão sobre a importância da família e do espaço (rural) no contexto da literatura infantil de Paim, na perspectiva comparatista.

Adentrando as fronteiras do simbólico em *Isabel em trajes de Medeia: uma leitura mítico-psicológica em A correnteza*, **Daniele Barbosa de Souza Almeida** faz uma leitura do processo de individuação de Isabel, a nefasta protagonista, em que destaca ser o Bem e o Mal componentes do humano. Ainda na perspectiva da mitocrítica **Carla Vanessa Santos Andrade** apresenta uma pesquisa sobre *O sagrado na poética de Alina Paim*, em que resgata as imagens do sagrado na obra *A correnteza*, com base nos símbolos que irrompem do

inconsciente, marcando a travessia da protagonista em meio à luta para adquirir a casa própria.

Por último, **Fabiana Lisboa Ramos Menezes** apresenta *História e memória em A hora próxima de Alina Paim: pelos trilhos da memória de Zé de Barros e do velho Tião*, em que destaca o lugar da memória social do escritor em seu universo ficcional atrelado à história.

Em todos os textos aqui reunidos, mantidas as diferenças de ordem teórica e crítica, o leitor é levado à reflexão acerca de como o imaginário pessoal e coletivo se confunde com o imaginário artístico, revelando as tênues fronteiras entre o social e o simbólico no âmbito do artístico.

Aracaju, julho de 2019.

## PREFÁCIO

*Prof. Dr. Fernando de Mendonça (PPGL/UFS)*

*“Marina abriu os olhos vagarosamente...”*

Com as palavras acima, Alina Paim dá forma à primeira frase de seu primeiro romance (*Estrada da Liberdade*, 1944), onde nos narra a impactante jornada e amadurecimento de uma personagem que pode bem ser reconhecida como síntese dos principais questionamentos identificados em toda a carreira literária da escritora. Numa espécie de reflexo simbólico, podemos dizer que o movimento de descoberta do legado desta autora sergipana tem se dado da mesma maneira que foi, para Marina, descobrir o mundo em sua inteireza.

A recuperação crítica dos livros de Alina Paim ainda é restrita, mas tem se efetivado e crescido de maneira gradativa, na qual agora se inclui mais esta relevante publicação, organizada com esmero pela Prof<sup>a</sup> Ana Maria Leal Cardoso, uma das maiores e entusiastas leitoras de Paim, junto aos seus orientandos de pós-graduação. Apesar de vagarosa, a ampliação no estado da arte sobre a obra desta mulher de letras já permite uma abertura incontornável, lançando luz a títulos que se revelam, cada vez mais, imprescindíveis ao grande cenário da literatura brasileira do Séc. XX.

Bem sabemos que literatura é arte de tempo e que do tempo precisa para, contra ele mesmo, levantar-se enquanto espaço de resistência humana. Assim, compreendemos como natural o ritmo deste processo de perpetuação, pois transcende as expectativas e se afirma necessário, quase orgânico ao imaginário das artes. Todas as vozes que hoje se erguem para trazer Alina Paim à memória, são agentes de transformação, de emancipação ao universo por ela estabelecido.

Diante disso, é imensa a satisfação de encontrar através dos textos aqui reunidos, um grupo de estudiosos que não apenas é capaz de trazer novas interpretações, mas de confirmar a potência que a obra da homenageada ainda desperta e promete para o futuro. Cada nome que compõe esta coletânea longe está de esgotar suas possibilidades críticas, o que certamente renderá vindouras e renovadoras trocas de conhecimento.

Que os nossos olhos continuem a se abrir, como os da protagonista Marina, para perceber que há luz do outro lado das pálpebras, que há vida, fôlego, e todo um horizonte a se desbravar.



## SUMÁRIO

<b>O imaginário da serpente nas narrativas de Alina Paim</b> <i>Ana Maria Leal Cardoso</i> <i>Antonielle Menezes Souza</i>	<b>11</b>
<b>A heroína no vale das sombras: uma leitura miticossimbólica do romance <i>A sombra do patriarca</i>, de Alina Paim</b> <i>Ana Paula Barbosa Andrade</i>	<b>30</b>
<b>A trajetória heroica de Raquel, a donzela guerreira, pelas terras desconhecidas do patriarca</b> <i>Marcio Carvalho da Silva</i>	<b>47</b>
<b>Entre o mágico e o real: o faz de conta em <i>O lenço encantado</i>, de Alina Paim</b> <i>Aline Suelen Santos</i>	<b>67</b>
<b>O real e o maravilhoso em Lobato e Paim</b> <i>Ligia Patrícia Alcântara Costa</i>	<b>87</b>
<b>Isabel em trajes de Medeia: uma leitura mítico-psicológica de <i>A correnteza</i></b> <i>Daniele Barbosa de Souza Almeida</i>	<b>103</b>
<b>O sagrado na poética de Alina Paim</b> <i>Carla Vanessa Santos Andrade</i>	<b>119</b>
<b>História e memória em <i>A hora próxima</i>, de Alina Paim: pelos trilhos das memórias de Zé de Barros e do Velho Tião – diálogos entre história e ficção</b> <i>Fabiana Lisboa Ramos Menezes</i>	<b>132</b>

---

## **Conselho Científico do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL/UFS)**

Prof. Dr. Afonso Henrique Fávero  
Profa. Dra. Ana Maria Leal Cardoso  
Prof. Dr. Antônio Ponciano Bezerra  
Profa. Dra. Christina Bielinski Ramalho  
Prof. Dr. Fábio Elias Verdiani  
Profa. Dra. Geralda de Oliveira Santos Lima  
Profa. Dra. Jeane de Cássia Nascimento Santos  
Profa. Dra. Leilane Ramos da Silva  
Profa. Dra. Maria Emília de Rodent Barreto  
Profa. Dra. Maria Leônia Garcia Costa Carvalho  
Profa. Dra. Marileia Silva dos Reis  
Prof. Dr. Rafael Meister Freitag  
Prof. Dr. Ricardo Nascimento Abreu  
Prof. Dr. Wilton James Bernardo Santos

## O IMAGINÁRIO DA SERPENTE NAS NARRATIVAS DE ALINA PAIM

*Ana Maria Leal Cardoso  
Antionielle Menezes Souza*

### Introdução

**A** obra literária é produto de uma atividade criadora individual, a arte da qual o autor ressignifica e reelabora elementos disponíveis em determinado contexto sócio-cultural. Dentre as várias condições materiais necessárias para a produção de um texto literário, situamos as experiências anteriores da vida do autor/a sedimentadas por uma base mítica, que alicerça sua estrutura narrativa e modela as personagens. A arte da qual o autor ressignifica e reelabora elementos disponíveis em determinado contexto sociocultural, será o combustível para a nossa análise nas narrativas da escritora Alina Paim, estas que se encontram alicerçadas em uma base mítica a partir da imagem da serpente – repleta de significado simbólico.

Em meio a este universo simbólico, o psicanalista e estudioso da mitologia Stephen Larsen (1991) defende que as narrativas míticas são padrões de significados que apresentam e representam atividades universais; como tal, esses relatos

sobre a criação, conflitos e realizações são metáforas para interesses comuns a todos que participam da aventura da vida humana. Para ele, a experiência pessoal sem o mito é insatisfatória; os mitos tornam-se personalizados, embora em nível inconsciente.

Desse modo, observamos que o mito nos convida a trilharmos e peregrinarmos nos seus célebres templos e bosques, sendo este, é um valioso caminho dialógico entre o mito e a *psiqué* que constitui a inspiração das obras de arte, em especial a arte literária. O artista, como bom “peregrino”, aprende a procurar as grandes coisas nas pequenas, nas minúcias da vida e, portanto, a dar atenção às imagens cheias de significados – simbólicas, portanto.

Todavia, isso não acontece somente com eles/as (artistas), mas com cada um de nós, apenas não estamos acostumados a valorizar certas imagens, que podem nos levar a uma “viagem” interior em que vivenciamos sentimentos de mistério, de inquietações, desafios das maravilhas da vida, de autoconhecimento e, de algum modo, notamos a grandeza de tal processo e do seu aspecto promissor. Assim, sobre essa interrelação entre arte e psicologia, Carl Gustav Jung, em sua obra *O espírito na arte e na ciência* (1971), nos afirma que:

Falar sobre a relação entre a psicologia analítica e a obra de arte poética é pra mim, apesar da dificuldade, uma oportunidade bem-vinda, pois assim tenho a oportunidade de expor meus pontos de vista na controvertida questão entre a relação entre a psicologia analítica e a arte. Apesar de sua incomensurabilidade existe uma estreita conexão entre esses dois campos que uma análise direta. Essa relação basea-se no fato de a arte, em sua

manifestação, ser uma atividade psicológica e, como tal, pode e deve ser submetida a considerações de cunho psicológico; pois, sob este aspecto, ela, como toda atividade humana oriunda de causas psicológicas, é objeto da psicologia. (p. 65).

Dessa maneira, seguindo esse horizonte teórico de Jung, observamos que o/a artista, por obter uma ligação mais próxima com a arte, visto o processo de feitura, muitas das vezes torna-se mais sensível e permissivo ao conhecer alguns trechos dessa viagem interior de autoconhecimento, que o auxiliará no confronto com as experiências e na sua estada no mundo.

Segundo Jung (1991), para expressar suas visões específicas, singulares, o artista necessita lançar mão de motivos mitológicos provenientes do inconsciente coletivo – a pátria do mito – que, configurados em imagens, irrompem no ato criador. Neste entendimento, essas imagens primordiais, arquetípicas da humanidade, surgem de tempos em tempos nas diferentes culturas, sempre que a fantasia criadora se manifesta através da produção artística.

Os elementos míticos da *psiqué* – os mitologemas – podem ser encontrados tanto na mitologia pessoal quanto na coletiva, quase sempre sustentando grandes temas míticos transculturais como: incesto, temas do herói, eliminação de monstros, o exercício da magia, a morte, entre outros. Encontram-se enredados em tais temas personagens importantes como a mãe, o pai, irmãos, membros da família em geral.

A serpente é uma dessas imagens primitivas presentes na *psiqué* humana, cuja simbólica está ligada aos opostos bem/

mal, constituindo-se em verdadeiro mito de origem: Alfa e Ômega. Tais imagens, segundo Joseph Campbell (2001), têm o poder de “levar adiante” o espírito humano. Além disso, observamos que o mito da serpente também irá ilustrar o lado sombrio da mulher, através da figuração e desmembramento da Grande Mãe, por meio da faceta da serpente do mal. Esta supostamente acende a chama para o ser corruptível e venenoso que é a mulher, causadora dos grandes males à humanidade, a exemplo da nossa maior transgressora judaico-cristã, Eva, pertencente ao mito bíblico. Ressaltamos que, desde os povos e civilizações mais antigas, a mitologia exerce caráter especial e ponto de partida para o desenvolvimento da cultura e, por consequência, das suas produções artísticas como a literatura.

Analisando a palavra serpente observamos que ela é proveniente da origem do latim (*serpens, serpentis*), geralmente substitui a palavra “cobra” especificamente quando o contexto é mítico, com a finalidade de distinguir tais criaturas do campo da biologia, contudo, é relevante salientar que é um símbolo muito rico em diversas culturas, pois representa o rejuvenescimento, a renovação, a sabedoria, a vida, e a eternidade.

Nessa investida, notamos que desde os tempos primevos, a serpente está associada ao mal, à morte, à escuridão, visto que é um animal misterioso, algumas vezes venenoso e muitas das vezes traiçoeiro. Ao consultarmos o *Dicionário dos Símbolos*, encontramos a definição de serpente, assim descrita:

A serpente é visível na terra, o instante de sua manifestação, é uma hierofania. De um lado e de outro “sentimos” que ela continua nesse infinito material que nada mais é do que primordial indiferenciado,

reservatório de todas as latências subjacente à terra manifestada. A serpente é visível é uma hierofania do sagrado natural, não espiritual, mas material. No mundo diurno ela surge como um fantasma palpável, que escorrega por entre os dedos, da mesma forma como desliza através do tempo contável, do espaço mensurável e das regras do razoável para refugiar-se no mundo baixo, de onde vem e onde a imaginamos intemporal, permanente e imóvel na completude. Rápida como um relâmpago a serpente visível sempre surge de uma abertura escura, fenda ou rachadura, para cuspir morte ou vida antes de retornar ao invisível. (CHEVALIER; CHEERBRANT, 2000, p. 814; grifo nosso).

Desse modo, notamos que a serpente fornece para os estudos mitológicos um simbolismo demasiadamente rico e deveras complexo. Nessa investida, a imagem mais figurativa e importante para a simbologia de transformação, renovação e continuação, seja na personificação da Oroboros, aquela que engole a sua própria cauda formando um círculo, representação do cosmos, da totalidade, da energia cíclica, assim é claro o poder de regeneração, logo, imortalidade, visto que é clara a relação de unidade, ou seja, a significação de Totalidade.

Por ser representada como símbolo de regeneração e imortalidade, é clara a relação de unidade, ou seja, a significação de totalidade, e por consequência, a sabedoria. Em muitas culturas a serpente é um deus ou uma deusa, algumas vezes benevolente, em outras vezes malévolos, situação que demonstra uma faceta da proveniente da Grande Mãe, arquétipo configurado nos estudos de Neumann da seguinte maneira:

[...] Há que notar que os vários aspectos de um arquétipo aparecem também em imagens diferentes. Dessa forma, o aspecto assustador do arquétipo manifesta-se através de outras imagens que não correspondem às de seu aspecto vivificante e “bondoso”. Contudo, o aspecto assustador de um arquétipo, por exemplo, a Mãe Terrível, manifesta-se também nos símbolos de algum outro arquétipo, como o do Pai Terrível, por exemplo. (NEUMANN 1996, p. 19).

Na obra *Dicionário de Símbolos* Chevalier (2015, p. 815) afirma que “A serpente é um dos mais importantes arquétipos da alma humana”. No tocante à teoria junguiana, “o herói é serpente para si mesmo, seu próprio imolador e imolado, razão por que Cristo se compara com razão à serpente sagrada por Moisés e o redentor dos ofitas cristão era uma serpente” (JUNG, 1986, p. 370).

Assim ao utilizarmos a psicologia profunda de Carl G. Jung tentaremos demonstrar a representação inconsciente que o arquétipo da serpente expressa, este proveniente das imagens interiores e exteriores. Em posse de tal conhecimento e ao irromper tal arquétipo observaremos a presença do conflito cósmico das personagens femininas paiminianas em meio as forças humanas existentes e o seu destino. Em posse a tal ilustração, notaremos a luta presente na psique das personagens como uma simbólica jornada do ego com a finalidade de tocar o self. Baseadas em tal perspectiva, investigamos o mito da serpente – ou as imagens míticas desta – na obra da escritora sergipana Alina Paim.



## O imaginário da serpente na poética de Alina Paim

A ficção de Alina Paim é um absorvente relato da criação de mitos pessoais e coletivos, cujas raízes estão fincadas num passado remoto, mas se perpetuam no relato ficcional, o que comprova a eficácia do inconsciente coletivo na atividade criadora. A imagem mítica da serpente parece ser uma presença constante na ficção dessa escritora, quer no tocante aos espaços quer através das personagens. Em sua obra inaugural *Estrada da liberdade* (1944), destaca, “A calçada das casas era muito acima do nível da rua, para se chegar ali, subia-se alguns degraus cavados no barro. O centro da rua era cheio de buraco, parecia o leito de um rio ondulante.” (PAIM, 1944, p. 67).

Gaston Bachelard (1993), filósofo da fenomenologia, mostra a importância do espaço para a formação da *psiqué*, e defende que este possui raízes ligadas ao primitivo; ilustra a sua teoria destacando o buraco, a ilha, a floresta (habitat da serpente), a cabana e a casa, dividindo esta última em casa natal e casa onírica (devaneios); mostra a casa como uma simbólica do útero, portanto, da Grande Mãe – uma imagem do Feminino, cujo atributo maior é a serpente. Isso pode ser visto através dos estudos antropológicos de Malinowski sobre as culturas primitivas matrilineares. Desse, sob a ótica de junguiana, observamos que a casa é uma das representações da Grande Mãe, que se oculta por trás da própria mãe, ou surge como a avó, a madrasta, a floresta, as águas, a gruta, a fonte, o útero, entre outras formas. Jung defende que;

[...] seus atributos são o maternal: simplesmente a mágica autoridade do feminino; a sabedoria e

a elevação espiritual além da razão; o bondoso, o que cuida das condições de crescimento, fertilidade e alimento; o lugar da transformação mágica; do renascimento, o secreto, o oculto, o abissal, o mundo dos mortos, o devorador, o sedutor e venenoso. (JUNG, 2000, p. 92).

Assim, notamos que a casa configura como um espaço sagrado; da mesma maneira que a cidade e o santuário, a casa é santificada, em parte ou na totalidade, por um simbolismo ou um ritual cosmológico. Quanto a essa situação Mircea Eliade afirma que

É por essa razão que se instalar em qualquer parte, construir uma aldeia ou simplesmente uma casa representa uma decisão grave, por isso compromete a própria existência do homem: trata-se, em suma, de criar seu próprio mundo e “assumir” a responsabilidade de mantê-lo renovado. (ELIADE, 1992, p. 50).

Na obra de Paim, ao se aproximar do desfecho, a imagem da serpente adquire maior visibilidade dentro da narrativa. *A sombra do patriarca* (1950), seu terceiro romance, que trata da história da personagem Raquel e a visita que fizera à família nos permite flagrar o momento em que ela, a protagonista, encontra-se enferma na casa grande, oportunidade em que observa aquele lugar hostil e silencioso, um ambiente aterrorizante:

A casa grande, com sua fachada de dois andares, era cercada pelas janelas de guilhotina. Tinha a porta da

sala de jantar aberta para o jardim. O céu azul estava sujo, uma fumaça negra emporcalhava o espaço como golfadas de baba peçonhenta. (PAIM, 1950, p. 80-81).

Assim, no contexto de *ASP*<sup>1</sup>, seguindo a trilha dos estudos simbólicos observamos que a imagem do dragão, desmembramento da simbólica serpentina é configurado através da própria Usina, conforme destaca a narradora “Chegamos, e o rumor feito da trepidação do monstro de aço nos recebeu, vindo da Usina. O céu azul estava sujo, um fumo negro emporcalhava o espaço como golfadas de baba peçonhenta” (PAIM, 1950, p. 80-81). O dragão, uma variante da serpente, tanto expressa o mal quanto a nobreza nas culturas orientais, principalmente na China, em que representa certas dinastias dragônicas. A respeito do simbolismo animal, Durand (2012) defende sua ambivalência, porém, sob a análise da arquitepologia do dragão, no âmbito de *ASP*, ela é negativa, simboliza o semeador da morte, o monstro antediluviano “O dragão nos parece como um guardião severo ou como um símbolo do mal e das tendências demoníacas” (CHEVALIER; CHEERBRANT, 2015, p. 349).

No entanto, na narrativa em foco, em oposição à modernidade da usina açucareira e à própria casa grande da Fazenda Fortaleza, destaca-se o Curral Novo, uma fazenda repleta de centenárias árvores, animais e muita paz. O trabalho por lá dependia do uso de alguns bois tanto para arar a terra quanto para fazer girar o velho engenho, o que causava

---

1 Doravante será utilizada a sigla *ASP* a fim de referir-se à obra *A sombra do patriarca*.

estranhamento à protagonista, acostumada às indústrias de uma grande metrópole:

Ao aproximar-se das terras do Curral Novo sacudia-me o desejo de viver. A proximidade da terra causava-me uma ânsia desconhecida, vontade de ver-me envolvida num grande acontecimento que estremecesse minha vida até as raízes [...] adiante, na baixada, os varais dos carros de bois desafiam o céu, como fantasmas. Mais além, ondulando num sussurro, estendia-se o mar infinito dos canaviais. (PAIM, 1950, p.114).

Quanto ao estranhamento de Raquel, cabe uma explicação de Freud (2002), para quem a ficção literária dispõe de meios de provocar efeitos de estranhamento, que se referem a tudo que deveria permanecer oculto e que, no entanto, se manifesta. O “estranho” estaria ligado a algo familiar tornado estranho “pelo recalque, de impressões, representações subjetivas infantis banidas da consciência, mais tarde reativadas por impressões externas que tocam de perto as antigas, confirmando-as” (FREUD, 2002, p. 80). Assim, a angústia nessas experiências surgiria da perda dos limites entre o real e o imaginário, do retorno ao tempo em que a diferenciação entre o eu e o mundo externo, o eu e o outro, não estava nitidamente estabelecida.

Na verdade, a viagem de Raquel às terras do patriarca traduz a busca de si mesma, ilustrada pela dinâmica da serpente – sempre em movimento e ligada ao mistério/desconhecido. Ao penetrar naquele lugar distante, algo chamou-lhe a atenção, conforme atesta a narradora: “saltamos junto ao Cruzeiro. O pequeno outeiro onde fora construído o Templo tinha rampas cobertas de grama, aqui e ali um caminho riscava como uma

serpente” (PAIM, 1950, p. 75). As personagens Raquel e Leonor vivem a angústia de se saberem prisioneiras de um mundo completamente patriarcal, entretanto, não cruzam os braços, lutam por dias melhores para as mulheres da casa grande e da própria vila de Santa Clara, pertencente ao Sr. Ramiro, o patriarca e tio de ambas. Pensar no coletivo é uma marca das narrativas de Paim.

No seu quinto romance, *A hora próxima* (1955), cuja história trata de uma greve ferroviária envolvendo algumas esposas dos funcionários da Estação Cruzeiro, um local marcado pela bifurcação da ferrovia que abria caminho tanto para Minas Gerais quanto para São Paulo, temos a presença de mulheres corajosas como Margarida, Dolores, Rita, Leonor, Jandira, entre outras, que resolveram assumir a greve, parando a locomotiva 437, defendendo: “Nossa luta é contra a fome e a miséria de todos” (PAIM, 1955, p. 238). Seguindo em marcha, puseram-se à frente desta, impedindo-a de prosseguir após obterem a notícia de que seus maridos não receberiam, naquela semana, os salários atrasados há três meses:

A força dos passos dominava todos os corpos, o ímpeto da marcha que se arrastava enrijecia aquelas pernas, contraia os punhos, levantava as cabeças de bocas cerradas e olhar firme. Apito claro e prolongado, vindo da Rotunda, fustigou aqueles pés e o imenso bloco humano dobrou a curva da estrada em direção à Estação [...] De pé junto à janela, Silvio acendeu mais um cigarro, olhou para as casas fronteiras com seus pequenos jardins que suportavam o sol com indiferença, havia em quase todas um arbusto de ‘brinco de princesa’ enrodilhado nas paredes. (PAIM, 1955, p. 36).

A imagem da serpente, na citação acima, se configura da seguinte forma: a condição bifurcada da própria ferrovia assemelha-se à língua do animal. A locomotiva vomitando a fumaça negra aproxima-se da imagem do dragão, uma variante da serpente que cospe fogo, um elemento simbólico associado tanto à vida quanto à morte – ou à purificação da alma, numa visão cristã. No entanto, entendemos que o mito da serpente é familiar em quase todas as culturas e povos, desde os greco-romanos, passando pelo seio cristão, em meio à cultura nórdica, o oriente e América Latina. Notamos que em quase todos os povos citados a serpente, configurada como monstro, é símbolo de pavor, horror e medo, assim, a sua eliminação se fazia necessária. Seguindo essa linha de raciocínio encontramos o mito da serpente, possuidor de alto teor simbólico e demasiadamente complexo. Presente desde as mitologias às lendas em que observaremos o seu notório valor fálico e erótico, simbólica que não apresenta somente a conotação sexual, mas também a associação à origem da vida, a cosmogonia, a gênese.

Essa imagem mítica oscila entre a sutileza e a violência: o termo ‘enrodilhado’ remete à forma do animal que sufoca e mata. Paradoxalmente, o réptil se enrodilha para descansar, dormir, ou mesmo para se proteger pelo bote. A narrativa se faz em espiral – ao registro dos momentos de tensão –, destacando a dinâmica da serpente no seu aspecto tanto positivo quanto negativo. Contudo, é interessante observar que os mitos nos apresenta sempre uma nova mensagem, estes se expressam por meio das mais diferentes culturas envolvendo mistério e evolução, este imerso no mundo sagrado com o intuito de conquistar a vida eterna e o equilíbrio interior.

Sabendo disto, notamos que o relato ficcional flagra o instante em que Margarida, em constante vigília, observa o

ambiente ao seu redor, cabeça levemente erguida, sempre à espreita do inimigo:

Tangendo vagaroso as últimas nuvens, o vento vai aos poucos descobrindo os pontos elevados. Margarida observa que a claridade concorre para aumentar a impressão de que a Mantiqueira se arrasta, avançando alguns passos sobre o vale do Paraíba, obrigando a cidade de Cruzeiro se recuar para o fundo da concha formada pelas serras e colinas, que se recortam na linha do horizonte. (PAIM, 1955, p. 244).

A análise prática da obra de Alina Paim tende a mostrar quão forte é o impulso criativo que brota do inconsciente coletivo, ao tempo em que se faz caprichoso e arbitrário. Segundo Jung (1991, p. 63), a obra inédita na alma do artista é uma força da natureza que se impõe, “ou com tirânica violência ou com aquela astúcia sutil da finalidade natural, sem se incomodar com o bem estar pessoal do ser humano que é o veículo da criatividade”. No seu entender, portanto, o processo criativo é uma essência viva implantada na alma do homem, algo como um “complexo autônomo”. Toda grande obra é marcadamente simbólica. O símbolo é sempre um desafio à nossa reflexão e compreensão; a esse respeito Jung reitera que;

[...] a obra simbólica nos sensibilizar mais, mexe mais com o nosso íntimo e raramente permitir que cheguemos a um deleite estético puro; ao passo que a obra notoriamente não simbólica fala mais genuinamente à sensibilidade estética porque nos permite a contemplação harmônica da sua realização estética. (JUNG, 1991, p. 65-66).

Contudo, mediante ao exposto é interessante notar que a serpente ilustrará de forma primordial o processo de busca pela totalidade, ou seja, o percurso de transformação do ego, este que exigirá ruptura, recolhimento e renúncias das personagens femininas paiminianas que serão analisadas no tópico a seguir.

### **As personagens femininas e a relação com a serpente**

Diferentemente da concepção de Freud, notamos que Jung entende os sonhos, devaneios e fantasias como imagens de saúde e inteireza; neste particular a imagem arquetípica da serpente torna-se o *leitmotiv*, a força impulsionadora da ação das personagens, conforme se observa através das narradoras dos romances elencados; iniciando pela narradora de *ASP*:

Com o rosto colado à vidraça da janela, os pés nus em contato com o calor do tapete, via a sombra do patriarca alongar-se [...] é sutil e venenosa como os vapores de um tóxico poderoso, penetrando nas casas de sopapo, envelhece as mulheres prematuramente. (PAIM, 1950, p. 32).

O relato ficcional enfatiza que a personagem Tereza, filha do velho Ramiro, proprietário da rica Fazenda Fortaleza, possua também características que a aproximam da serpente, vejamos: “Ali estava Teresa, orgulhosa, mostrando limites. [...] Vejo-a olhando bem nos olhos, cabeça erguida qual um réptil” (PAIM, 1950, p. 65). Essa personagem, oponente de Raquel, era indiferente a todos e visava apenas ganhar a confiança do pai e as terras da usina, bem como casar as duas filhas com ricos fazendeiros da região. Quanto ao significado do nome Teresa,



a personagem madura da casa, ao recorrermos ao *Dicionário dos Nomes*<sup>2</sup> observamos que: “É própria das mulheres ativas, sempre dispostas a realizar coisas e a planejar projetos para levá-los a prática. A sua força de vontade não decresce perante os obstáculos nem as dificuldades que podem encontrar no seu caminho” . Ela é a filha do patriarca, mulher de conduta traiçoeira aquela que se esgueira com destreza, feito uma serpente pelos obstáculos a fim de realizar seus projetos. Sabemos, também, que Teresa nutria certa amizade pelo pároco da Vila de Santa Clara, convencendo-o, por vezes, a fazer suas vontades; no fundo, havia semelhança entre ambos, assim destacada pela narradora: “muito risonho o padre Coutinho me estendeu a mão. Tive um estremecimento ao contato de sua pele quente. Mão úmida, mole e pegajosa” (PAIM, 1950, p. 78). Dona Amélia, mãe de Tereza, igualmente possui características reptílicas, suspeitas, trazidas no seu próprio olhar:

A presença de tia Amélia conservava um senso agudo de descontentamento, era um mal estar que não conseguia explicar a mim mesma. Deixava-me a certeza de estar sendo vigiada por seus olhos vivos, sempre atentos. (PAIM, 1950, p. 16).

No Cural Novo, Raquel conhece Lucrécia benzedeira, uma antiga ex-escrava do seu avô. Ela assim a descreve: “os olhos miúdos, amarelados e vivos tinham visto muita coisa, sabia de muitas desgraças” (PAIM, 1950, p. 145). As benzedeiros lidam com a cura, portanto, com a ressurreição pela erva, que, segundo o mito indiano tem a serpente como guardião. No mito

---

2 Pesquisa realizada no *Dicionário dos Nomes*, versão online. Disponível em: <<http://dicionariodosnomes.com/teresa/>>. Acesso em: 10 de jan. 2019.

grego, quando Asclépio, filho de Apolo, deus da medicina, foi instruído na arte de cuidar das doenças pelo Centauro Quirion, fez grandes progressos a partir do uso de diferentes ervas, encontradas apenas no vale das serpentes. Essa sua relação com a cura/ressurreição no mito a fez símbolo da medicina.

A narradora compara a escrava às velhas árvores e aos eucaliptos da baixada, que “possuem raízes profundas, alastrando-se até o brejo” (PAIM, 1950, p. 146). A comparação feita pela narradora aproxima a escrava do réptil. Além disso, descreve o habitat deste e da sua cadeia alimentar, destacada pela presença do sapo, vejamos: “Chovia há dois dias sem parar. Atravessamos o tronco que servia de ponte sobre o rio, ouvindo o coaxar dos primeiros sapos do brejo” (PAIM, 1950, p. 160). Quanto a árvore, Chevalier; Cheerbrant (2000, p. 84) destacam o seguinte: “A árvore põe em comunicação os três níveis do Cosmo: o subterrâneo(as raízes), a superfície da terra (tronco e galhos) e as alturas (galhos e folhas superiores atraindo a luz)”.

Destacamos ainda Joana louceira, uma artesã do barro que, segundo a narradora: “continuava a trançar a pindoba na boca do caçuá para proteger a louça contra os sacolejões do jogue no caminho da feira. Dentro dos caçuás animais e pássaros de barro que ela mesma fizera” (PAIM, 1950, p. 29). Ao vê-la pela primeira vez na feira, Raquel destaca: “tive a sensação de que havia anos de vida estacionados às portas do Curral Novo. Ali, tudo era primitivo, voce inclusive” (PAIM, 1950, p. 122).

O romance *A correnteza* (1979) trata da vida da personagem Isabel, uma mulher de meia idade, ela que viola todas as convenções sociais quando nos referimos à mulher. Isabel em várias de suas ações evoca o Grande Feminino e desconstrói a visão estereotipada da boa mulher, da mãe dedicada à família.

A protagonista deste livro experiencia as amarras castradoras e silenciadoras do patriarcado, porém, busca constantemente rompê-las e trava uma batalha incessante, sem medir esforços, rompendo com vários padrões sociais, pelo seu sonho, a realização da casa própria; para tal, passa por cima de tudo e de todos, revelando-se uma verdadeira “víbora”. Vejamos o que ela diz de si mesma: “Isabel, só Isabel conhece. Sempre deslizando mansamente”. (PAIM, 1979, p. 98).

### **Considerações finais**

Por fim, notamos que as imagens da serpente destacadas nas obras elencadas são componentes do inconsciente coletivo capazes de curar, do ponto de vista psicológico, as neuroses e traumas das personagens citadas, tais como Raquel, Leonor, Marina, Isabel, entre outras, a partir da tomada de consciência dos componentes sombrios de si mesmas. A serpente como um tributo da Grande Mãe, a tecelã do destino, está diretamente associada ao duplo aspecto do feminino: gerador/nutridor, libertário/opressor, bem/mal, configurando, assim, o aspecto cíclico da natureza, o ritmo e o retorno da experiência humana.

As narrativas de Alina Paim mostram que para encontrar a relevância do mito ou das imagens míticas em nossas vidas cotidianas, na sociedade secular de hoje, é preciso ser um indivíduo cuja verdadeira adequação está em ser submetido à prova final, pela disposição de ousar a aventura da vida sem uma orientação fixa, abrindo-se às novas possibilidades que existem à nossa volta. O que corresponde a dizer que as formas míticas despertam nossos motivos psicológicos e estimulam nosso comportamento a partir da harmonização dos impulsos

que vêm do mundo interior e os que são transmitidos pelo mundo exterior.

As imagens da serpente veiculam o amadurecimento da personalidade – a busca de si – das protagonistas citadas; no bojo do processo elas vivenciam o tríplice aspecto da deusa: virgem, mãe e anciã. O que ratifica a ideia de Jung de que o mito é uma estrutura dinâmica, capaz de ativar imagens que, simbolicamente, reproduzem energias no interior da *psiqué*, levando-nos a vivenciar o céu e o inferno, o velho e o novo, a sombra e o self e, portanto, a união dos contrários.

## Referências

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios do repouso**. Tradução de Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CHEVALIER, Jean; CHEERBRANT, Alain [et al.]. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, sombras, figuras e números**. Tradução de Vera da Costa e Silva [et al.]. 28. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

\_\_\_\_\_. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

CAMPBELL, Joseph. **O Vôo do pássaro selvagem**. Tradução de Ruy Jungman. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos tempos, 1997.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix, 1992.

ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. Tradução de Fernando Tomaz e Natália Nunes. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na Civilização: novas conferências e outros textos**. vol. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

JUNG, Carl Gustav. **O espírito na arte e na ciência**. Tradução de Maria de Moraes Barros. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

\_\_\_\_\_. **Os arquétipos do inconsciente coletivo**. Tradução de Maria Luiza Apy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000.

LARSEN, Stephen. **A imaginação Mítica**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

PAIM, Alina. **Estrada da liberdade**. Rio de Janeiro: Ed. Conquista, 1944.

—————. **A sombra do patriarca**. Rio de Janeiro: Record, 1950.

—————. *A correnteza*. Rio de Janeiro: Record, 1978.

—————. *A hora próxima*. Rio de Janeiro: Vitória, 1955.

SPELLER, Maria A. R. **Feminino, psicanálise e educação**. Cuiabá: Entrelinhas, 2005.